

funenseg.empauta.com

Fundação Escola Nacional de Seguros
Clipping da imprensa

Brasília, 27 de fevereiro de 2010 às 17h21

Proteção extra contra a força da natureza

DEFESA DO CONSUMIDOR



ARMANDO VERGÍLIO, da Susep: "As questões climáticas estão na ordem do dia e tantas intempéries têm feito as pessoas despertarem para a necessidade do seguro"



MAÍRA FELTRIN, do Idec: "O consumidor deve verificar se há esse tipo de cobertura e também ter atenção com as cláusulas de exceção, ou seja, aquelas que o farão perder direito à indenização."

Contratos de **seguros** podem ter coberturas especiais contra alagamentos, desmoronamentos e vendavais

Luciana Casemiro

As mudanças climáticas, que se traduzem em enchentes, vendavais, tufões, desmoronamentos, estão a cada dia vitimando um número maior de brasileiros. Enquanto governantes do mundo inteiro discutem como resolver essa situação com políticas públicas, os cidadãos comuns buscam se proteger de possíveis prejuízos através de **seguros** tanto no caso de carros, como de residências. O número de segurados no Brasil ainda é pequeno, apenas 30% da frota de automóveis e 10% das moradias. Especialistas, no entanto, observam sinais de uma mudança de comportamento motivada em parte pelas grandes catástrofes que vêm se sucedendo, principalmente, no Sul e no Sudeste do país.

Mas o consumidor deve ter atenção, pois a cobertura dessas intempéries não faz parte do seguro básico.

- Ao firmar o contrato do seguro, o consumidor deve verificar se há esse tipo de cobertura e também ter atenção às cláusulas de exceção, ou seja, aquelas que o farão perder direito à indenização. Tais cláusulas devem vir em destaque no contrato - destaca Máira Feltrin, advogada do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) .

Cobertura contra alagamento pode ficar mais difícil Na avaliação de **Armando Vergílio** dos Santos Júnior, superintendente da Superintendência de **Seguros** Privados (Susep) , muitos deixam de fazer **seguros** e até de contratar essas coberturas especiais por total desconhecimento: - As questões climáticas estão na ordem do dia e tantas intempéries têm feito as pessoas despertarem para a necessidade do seguro. Já notamos um aumento de procura e a tendência é não só de crescimento do setor de forma

geral, como dessas coberturas específicas. No fim do ano passado, aliás, incluímos no **seguro habitacional**, obrigatório para quem faz financiamento habitacional, a cobertura contra vendaval, desmoronamento, destelhamento, inundação e alagamento - diz Vergílio, acrescentando que em 2009 o setor cresceu 12% em relação a 2008, quando já havia registrado alta de 15%, enquanto a economia brasileira se manteve praticamente estagnado.

A desinformação, diz Leoncio de Arruda, presidente do **Sindicato dos Corretores de Seguros**, de Empresas Corretoras de **Seguros** no Estado de São Paulo (Sincor-SP), fez muitos proprietários de automóveis se desesperarem sem razão, achando que não teriam cobertura por alagamento, queda de árvore sobre o veículo em caso de vendaval, por exemplo: - Quem tem seguro total tem cobertura contra alagamento, a não ser que tenha sido negligente.

De janeiro de 2009 a janeiro de 2010, continua Arruda, houve um crescimento de 25% no número de sinistros de forma geral. Com respeito, especificamente, a problemas decorrentes de alagamentos, essa alta foi de 80%. Em relação aos **seguros de automóveis**, o aumento do risco pode vir a ter impacto no valor do prêmio, diz o presidente do Sincor-SP, que não prevê reflexo semelhante nos **seguros** de residência: - Para casas, poderá ocorrer alguma restrição, mas não acredito num aumento expressivo de valor.

No Rio, informa Neival Rodrigues Freitas, diretor-executivo da Federação Nacional de **Seguros** Gerais (**Fenseg**), os alagamentos frequentes já começam a se refletir em aumentos nos valores dos **seguros de automóveis**: - A questão do alagamento é algo que vem sendo estudado pelas **seguradoras** e que traz influências no valor do seguro. No Rio, mais especificamente na Baixada Fluminense, houve vários carros cobertos pelas águas que estavam segurados.

José Carlos de Oliveira, da Comissão de **Seguros de**

Automóveis da **Fenseg**, estima que o aumento de sinistralidade nas ocorrências de alagamentos pode vir a ter um impacto de 5% sobre os preços dos **seguros**. No caso dos **seguros** de residências, o aumento de ocorrências pode inviabilizar esse tipo de cobertura: - Ninguém faz seguro onde é certo ocorrer o alagamento anualmente, isso foge do conceito do seguro. Não é risco, é uma certeza - diz ele. - Da mesma forma, ainda não há cobertura contra terremotos, maremotos, pois ainda não tivemos nenhuma incidência e por isso não há como estimar risco.

É esse problema que estão vivendo os moradores de algumas áreas de Santa Catarina, diz Odair Roders, presidente do Sincor-SC: - Poucas empresas estão aceitando fazer contratos com cobertura de desmoronamento e alagamento.

E, quando o fazem, são com valores pequenos, 10% da cobertura total. Muitas empresas recuaram na oferta desses serviços e estão realizando um estudo para a precificação desse produto.

Mudança de hábitos e mais informação podem segurar preço Janaína Alvarenga, advogada da Associação de Proteção e Assistência aos Direitos da Cidadania e do Consumidor (Apadic), diz que as empresas podem se negar a fazer o contrato, mas não podem deixar de indenizar o consumidor caso o seguro já tenha sido firmado. E alerta: - Quem não tem seguro pode recorrer contra o Estado. É que há áreas, como a Praça da Bandeira, que sempre alagam, ou seja, nas quais o governo já poderia ter feito algo para minimizar o prejuízo do cidadão. O caminho na Justiça, nesse caso, é longo, mas o Judiciário vem mudando a sua postura e vem mais frequentemente tomando decisões em benefício do cidadão e conferindo mais responsabilidade ao Estado.

Foi justamente nos arredores da Praça da Bandeira que o carro de Simone Dottori parou: - Estava voltando e acabei entrando com meu carro numa área alagada. O carro foi arrastado por alguns metros, parou num meio fio e o motor morreu. Mesmo depois de

Continuação: Proteção extra contra a força da natureza

a água ter baixado, o carro não voltou a pegar e o mecânico no reboque deu a má notícia: calço hidráulico.

Como tinha seguro, o carro foi consertado em dez dias e, em lugar de desembolsar cerca de R\$ 5 mil, orçados na oficina, paguei somente a franquia de R\$ 900.

Se o aumento do número de ocorrências pode elevar o valor dos **seguros**, a maior possibilidade de in-

formação e mudanças de hábitos podem minimizar esses custos, analisa Danilo Sobreira, assessor da diretoria da **Federação Nacional dos Corretores de Seguros (Fenacor)** : - Hoje há serviços de previsão de tempo, por exemplo, bastante confiáveis, que podem ajudar o consumidor a reduzir seus riscos. E a mudança de clima também vai levar a mudanças de hábitos, em horários de saída, rotas. Isso pode anular o impacto nos custos.